



Sol na eira e chuva no nabal

24.12.2020 às 9h00

A Galp decidiu encerrar a refinaria de Matosinhos causando perplexidade e muita agitação.

Na visão da esquerda mais radical, a Galp padece de cinco pecados capitais: é uma empresa privada, é grande, dá lucro, não pede esmolas ao Estado e ainda refina e vende um bem que todos os portugueses adoram (de tal maneira que é uma das maiores fontes de receita fiscal com dupla tributação sobre o combustível, pois o IVA incide sobre o ISP). Além disso, ainda tem a enorme capacidade de enfrentar um mercado concorrencial agressivo (com exceção das autoestradas).

Da sua análise à evolução provável da procura de refinados, dos custos, dos preços das ramas e do refinado e dada a capacidade disponível em Portugal na refinaria de Sines, concluiu que não faz mais sentido económico manter a refinaria de Matosinhos em atividade. Qual a novidade?

Já há dois anos atrás, em janeiro de 2019, o ministro Matos Fernandes anunciou que os carros a gasóleo não teriam valor de troca dentro de quatro anos. Na altura houve alguma comoção contra o ministro, o qual foi fortemente acolitado pela esquerda verde e radical. Ora, como dois anos já se passaram, a Galp está apenas a precaver-se contra a evolução natural da economia acelerada até pela pandemia.

Querer que a Galp feche a refinaria para dar efetividade ao que reclamam mas que não despeça os trabalhadores que ali vivem é bizarro

No entanto, a avaliação financeira que a empresa faz (a ótica do Valor Atual Líquido do Projeto) é diferente da análise económica do mesmo que é feita a uma escala mais ampla (ao nível da região e do país). Por isso, é razoável que a autarquia e o Estado venham a sugerir medidas mitigadoras aos impactos que se esperam de curto prazo.

Porém, as opções que se abrem à utilização do espaço e até à utilização da mão de obra libertada são imensas. Em Lisboa, a velha refinaria deu lugar a um amplo complexo residencial, comercial e cultural que são hoje o edificado da Expo. Quanto valor acrescentado não se gera ali?

A resposta reaccionária de uma esquerda que não tem iniciativa e que vê o mundo alterar-se pela mão da economia privada é normal. Querer que a Galp feche a refinaria para dar efetividade ao que reclamam mas que não despeça os trabalhadores que ali vivem é bizarro. Essa não é a função da empresa. Pelo menos de empresas que não nos extorquem milhões em impostos para pagar os custos de manutenção de fantasmas. A Galp ou a TAP não são o Fundo de Desemprego e está na nossa capacidade e iniciativa a solução para os problemas. Matosinhos não pode parar e não vai parar. Eu acredito em vós!